

# OS LIVROS QUE FIZERAM MINHA CABEÇA

O historiador fala sobre livros decisivos na sua formação e indispensáveis na biblioteca de um jurista

Por Carlos Guilherme Mota

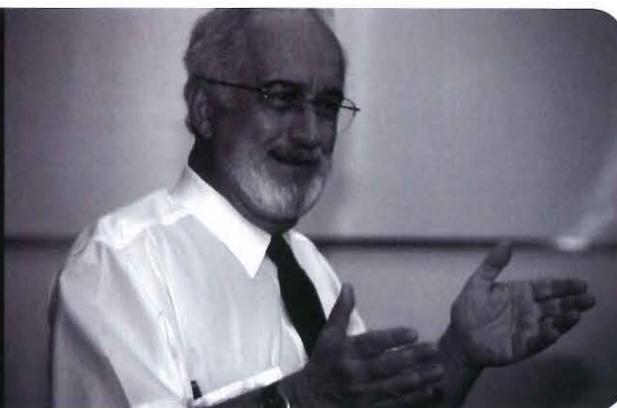
**E**m minha formação, devo dizer que descobri o Brasil real com a leitura de *Os Sertões*, que Euclides da Cunha publicou em 1902. Li pela primeira vez no colégio e, depois, no primeiro ano do curso de História da Faculdade de Filosofia da USP. Foi um choque, uma revelação.

Depois foi o estudo do Caio Prado Júnior, e sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, em que ele faz um balanço crítico do período colonial, cuja herança ainda está viva, infelizmente, entre nós. Caio foi um marxista sofisticado que trabalhou com documentação sólida, sempre preocupado com nosso atraso.

Outro autor que me marcou muito foi Florestan Fernandes, que desvendou os mecanismos da sociedade de estamentos, castas e classes em nosso país. Seu livro *A Revolução Burguesa no Brasil*, de 1975 e agora reeditado, é um clássico, de difícil leitura, mas desvenda a história do atual modelo autocrático burguês e enfatiza nossa condição periférica.

Acho importante também o livro do Alfredo Bosi *História Concisa da Literatura Brasileira* (1974), que aprofunda e completa a *Formação da Literatura Brasileira* (1957), do notável mestre e crítico Antônio Cândido. Não dá para ser advogado/jurista sem ter passado por esses dois autores, quando menos para a criação de uma cultura geral.





Um livro que me marcou e ainda diz muito é *Os Donos do Poder*, em que Raymondo Faoro estuda a formação do patronato político brasileiro desde suas raízes ibéricas no século XIV, e como constituiu essa carapaça jurídico-política asfixiante atual (o livro foi escrito em 1958, ampliado e reeditado em 1973). Considero-o obrigatório, fundamental, incontornável. Quem quiser saber mais consulte o site do Instituto de Estudos Avancados da USP ([www.iea.usp.br/online/midiateca](http://www.iea.usp.br/online/midiateca)). Acabamos de realizar, com os professores Ary Oswaldo e Angarita, um colóquio sobre a atualidade de sua obra e atuação à frente da OAB. (<http://www.iea.usp.br/iea/online/midiateca/videoseminariofaoro060427.html>).

Não posso desprezar a importância da obra de Gilberto Freyre, sobretudo *Sobrados e Mucambos*, em que trata da figura do bacharel no século XIX. Gilberto Freyre é um grande escritor, inventivo, desses que pensam o Brasil a fundo e não a partir dessas teses pasteurizadas pelo olhar estrangeiro.

Para pensar o Brasil atual, uma tarefa urgente mas que deve levar em consideração nossos maiores intérpretes, aconselho aos mais jovens o notável estudo de Alberto da Costa e Silva, “Quem fomos nós no século XX”, que abre o livro coletivo *Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira (1500-2000)*, da Editora Senac, por mim coordenado. Uma bela e crítica visão de conjunto de nossos pensadores, literatos, economistas, juristas e historiadores. Muito bem escrito.

No plano mais geral da História, fui marcado pelas obras do inglês e marxista Erich Hobsbawm. São livros de alta interpretação, muito bem escritos, com senso de humor e percepção cultural, qualidades que vão se tor-

nando raras nos historiadores mais jovens. Começaria citando a série *A Era das Revoluções, A Era do Capital e A Era dos Impérios*. Obrigatórios, sem dúvida. Sobretudo o primeiro, para entendermos algumas de nossas matrizes histórico-culturais, a partir da Revolução Industrial, da Revolução Francesa e da Revolução Americana.

Mas não dispensaria os estudos de Charles R. Boxer sobre o império colonial português, ou os de Eli Heckscher sobre a passagem do mercantilismo ao liberalismo, ou os de Wallerstein sobre a economia-mundo (os quatro volumes) e, naturalmente, alguns textos clássicos de Marx, como *Ideologia Alemã* ou as introduções e o capítulo introdutório de *O Capital*, sobretudo o texto sobre o caráter-fetice da mercadoria. Um grande e erudito escritor, que voltará a ter enorme importância para entendermos o que está aí, inclusive o lumpesinato social e político.

Para cultura geral, diria que fui muito marcado pelas memórias de Pedro Nava e pela poesia de Carlos Drummond e João Cabral de Mello. Como gosto de jazz, recomendo o livro de Francis Newton (pseudônimo de Hobsbawm) *Scenes of Jazz*, do qual já há tradução. Porém, quanto ao jazz, o melhor mesmo é ouvir... com um bom dry martini, bem seco,

como o Leandro Silveira, coordenador dos cursos de pós da GVlaw aprecia, e eu também. ✓

**Carlos Guilherme Mota**, historiador, é professor titular de História Contemporânea da FFLCH da Universidade de São Paulo e da Universidade Mackenzie, e Pesquisador da DireitoGV, onde coordena a obra coletiva *Os Juristas na Formação e Desenvolvimento do Estado Brasileiro (1750-1988)*. É autor, entre outros, do clássico *Ideologia da cultura brasileira*.